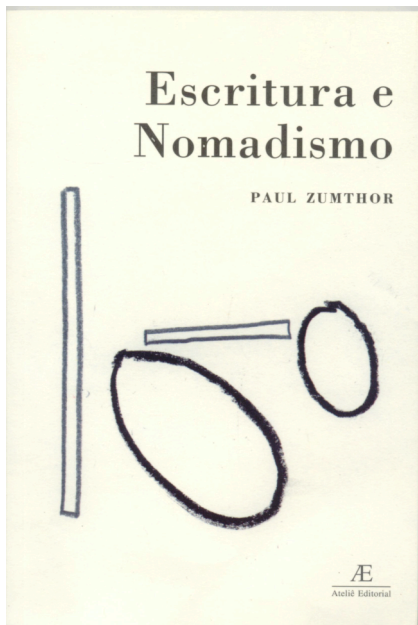


Escritura como nomadismo, o nomadismo da escritura



Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios.

Paul Zumthor. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia, Ateliê Editorial, 2005.

por **Marcio Honorio de Godoy**

De fato me senti um tanto quanto incomodado em fazer uma resenha da tradução de *Escritura e Nomadismo*, de Paul Zumthor, por Jerusa Pires Ferreira. É que trata-se, naturalmente, de uma tradução, e eu gostaria de desenvolver um diálogo com minha orientadora Jerusa, com quem tenho tido, de maneira privilegiada e encantadora, troca de impressões (nas quais recebo mais vantagens, como se pode imaginar) sobre assuntos que parecem extrapolar uma orientação de minha tese (ainda em andamento), porque permitem vivenciá-la fora dos tradicionais bem comportados pontos norteadores, em um incerto

caminhar às vezes catastrófico (ainda sofro tropeços em meu engatinhar) e outros de iluminação ainda ofuscante por se tratar de lampejos vigorosos em olhos despreparados, ou em preparação. Acontece que Jerusa tem a efervescência de viver a cultura e não estar apegada em uma erudição. Digo isso tomando emprestado a definição, com a qual concordo, de Fernando Pessoa, quando o poeta mostra a diferença entre cultura e erudição:

Homem culto é aquele que, de tudo a que assiste aumenta, não os seus conhecimentos, mas seu estado de alma. O erudito lê e fica sabendo; quanto mais lê, mais fica sabendo. A segurança e a confiança são atributos finais da erudição; como o ceticismo e a hesitação apanágio extremo da cultura. Uma erudição de lombada, como dizem os parvos, serve demais a um culto, que uma leitura de miolo a um erudito. Um título pode fazer colher mais a toda obra – dado que a alma nasça ceifeira – do que a leitura de toda ela. [...]

O homem inteligente é o que com facilidade tira conclusões do que lê ou vê; o homem culto é o que, naturalmente, sente e não tira conclusões, ou as tira, conforme calha ao seu feitio do momento. (Pessoa, s/d, pp. 50-52)

A necessidade de Jerusa é de dialogar, em princípio não importa com quem ou sobre o quê, nem onde ou como, mas existe uma audição e a percepção de uma voz construindo no impasse, na incerteza, na descoberta que dá temor e tremor pela intensidade e densidade. Mas é claro que há momentos de retirada da mestra para outras esferas de diálogo onde se encontram pensadores com os quais buscou contato pelos livros e idéias como Mikhail Bakhtin, Iuri Lotman, Gilles Deleuze, Gadamer, Henri Meschonnic, Clifford Gertz e mais recentemente Jacques Derrida (mas não vale a pena tentar essa enumeração absurda), além de outros com quem teve, ou tem, o convívio em presença de corpo e voz como Boris Schnaiderman, Haroldo de Campos, Aaron Gurevich, Charles Grivel, Antonio Cândido, Ruy Coelho, Elezar Meletinski, José

Calasans e outros além, é claro, do notável pesquisador Paul Zumthor, que vem divulgando com suas traduções no Brasil.

Mas parece que encontro agora um ponto, após este preâmbulo no qual ainda escolhemos uma posição, pelo menos aceitável, para traçar linhas a serem compartilhadas nesse merecido dossiê. Sim, é como se me sentasse diante dos dois mestres, Jerusa e Zumthor, só ouvindo a conversa animada, vertendo pneuma, entre uma gargalhada e outra. E é aí que posso vislumbrar pelo menos um dos pontos de contato entre tradutora e traduzido que mais me entusiasma. É claro que este livro *Escritura e Nomadismo* ultrapassa este eixo de diálogo entre os dois, mas é que há um ouvinte nesta história, não menos interessado na conversa que se apresenta à sua frente, e arriscando, ainda por cima, algumas opiniões.

É mais claro, neste momento, o porquê busco o diálogo nesta resenha. É que tenho a impressão que aqui há uma maneira comum de tratar os mais diversos assuntos de interesse dos dois. Na verdade, acredito que estamos diante da escritura como nomadismo (como sugere o título da obra *Escritura e Nomadismo*), na qual se tem a plena consciência de que há um leitor com quem pactuar nesta experiência. Escrever como cartógrafo que segue forças ligando, se apoderando e até explorando matérias aparentemente de uma heterogeneidade impossível para se pensar, mas perfeitamente conviventes. Escrever com muita consciência de não se estar fechando nada, mas provocando, na interação com o outro, a mesma curiosidade viva do ato do escritor pesquisador, e daí o nomadismo da escritura, possibilitando outros trajetos além das páginas que a contém em potencial. Basta citar o fato de que no lançamento do livro de Zumthor os comentários circulavam em torno de um frenesi que passa por todo o corpo, uma vontade de falar junto com a leitura na solidão do leitor diante do livro.

Não é a toa que digo me instigar essa maneira de olhar as coisas. Mais ou menos há dois anos, em um encontro no Franz Café de Higienópolis com Magali [Oliveira Fernandes] e Jerusa, pude receber as primeiras provas de sua tradução; E minha orientadora, que considero também minha grande amiga, entregou o ouro em minhas mãos, já sabendo da minha reação e pude acompanhar a resposta de Paul Zumthor a uma entrevista:

É preciso distinguir na história o aspecto da documentação, ou erudição, que se reporta à coleta e à organização de dados; e o aspecto relato, pois, no fim das contas, toda história é relato. Atualmente, é verdade que algumas pessoas negam isso, mas, da minha parte, estou profundamente convencido de que a história se conta, da mesma forma que os sonhos só existem verdadeiramente quando narrados. O que é um *événement* histórico a não ser o relato de alguns fatos? Somos seres de narrativa, tanto quanto de linguagem. À medida que me atribuo a tarefa de reter um pedaço do real passado, minha tentativa é, em si mesma, ficção. Se formo um discurso ficcional, para comunicar o resultado, ele será necessariamente narração, quaisquer que sejam talvez minhas precauções estilísticas visando à nudez do relato. Este caráter da história, sempre tenho tendência a assinalá-lo mais do que apagá-lo. (Zumthor, 2005, p. 48)

E mais à frente continua sua colocação de viajante de tempos e espaços convicto de que aí está sua vocação e modo de existir:

Integro meu desejo de ficção (em meus trabalhos acadêmicos) a meu desejo de "dizer verdadeiro". Eu poderia, finalmente, me expressar nos mesmos termos sobre meus textos literários... ainda que, em se tratando destes, as palavras "dizer verdadeiro" adquiram um sentido especial, completamente interiorizado. Desde o início de minha carreira, constantemente me questioneei: "*O que é que faço?*" e esta questão significava (eu tinha consciência disso): "*Quem sou?*" Dessa forma exigia de mim um engajamento pessoal, que forneceu ao meu trabalho uma motivação forte o bastante para ultrapassar as limitações da rotina acadêmica. (Id., p. 50)

Há paixões inseridas neste modo de estar presente diante das coisas que se tem desejo em inspirar e expirar, compartilhando o processo total deste gesto proporcionador de ânimo renovado. E Jerusa Pires Ferreira divide (e devo dizer que eu também) com Zumthor esta mesma atitude. E é fácil exemplificar isto em qualquer uma de suas obras. Vejamos apenas um trecho de *O Livro de São Cipriano: uma Legenda de Massas*, um dos seus trabalhos no qual não descarta a dificuldade na pesquisa do tema, mas torna-a potência da composição do entorno do seu objeto e do seu objeto inserido na cultura:

Quando se sai a campo para pesquisar ou recolher exemplares do São Cipriano, algumas dificuldades muito sérias ocorrem. Ele é mesmo um fetiche, enquanto objeto, capa preta, capa de aço etc. É um livro de feitiçaria, trazendo sua carga de maldição e interdição e, mais ainda, um livro popular. Com estas características, tem sua produção regulada por certos princípios e tabus. [...]

[...] Cida, a quem entreguei este trabalho para datilografar, recebeu os originais, levou para casa e depois confessou o seguinte: que fora criada em colégio de freiras e que sempre temeu o diabo. Quando seu pai faleceu, encontrou entre os seus pertences um *Livro de São Cipriano*, e teve muito medo. Jogou-o fora e nunca mais quis saber dessas coisas. (Ferreira, 1992, pp. XIX-XX)

Eis um corpo e voz, o do pesquisador e da pesquisa que se confundem, que convive com seu objeto de admiração, e está disponível para compartilhar as energias e forças que se apoderam e exploram este objeto, desvendando seu sentido.

Hoje compreendo a emoção que Jerusa transmite no Posfácio de *Escritura e Nomadismo*, afinal todo esse vigor de descobertas do amigo continuará a se dar no projeto de tradução da obra de Zumthor pelo qual se empenha Jerusa e outros companheiros também animados por estes trabalhos. Mesmo estando o grande pensador e mestre em outras esferas misteriosas, o diálogo está vivo por mais uma das incansáveis atividades a que se propõe Jerusa Pires Ferreira, sempre em busca de

suas curiosidades e de instigar o desejo de conhecer dos que estão à sua volta.

Referências Bibliográficas

PESSOA, Fernando. *Obras em Prosa de Fernando Pessoa: Portugal, Sebastianismo e Quinto Império*. Portugal, Publicações Europa-América, s/d

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia, Ateliê Editorial, 2005

FERREIRA, Jerusa Pires. *O Livro de São Cipriano: uma Legenda de Massas*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1992

Marcio Honorio de Godoy é Doutorando no Programa de Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. [E-mail: marciohonorio1@uol.com.br]